

Que força é essa?

Depois de amanhã, um certo número de pessoas vai certamente passar momentos difíceis, de grande inquietação e algum desespero, todas elas obrigadas a passar algumas horas a discutir futilidades, impedidas de trocar impressões e decidir sobre assuntos importantes. Entre os quais, por exemplo, a aprovação de pedidos de adesão à confraria. Que o nosso espírito esteja com eles...

Com efeito, os representantes de clubes de futebol vão, sexta-feira à noite, na assembleia da FLF de Strassen, ser confrontados com projectos que podem, certamente, ter vincadas consequências no futuro da modalidade e das suas associações (como o dos sábados juvenis e da escola de futebol). Mas não vão poder debruçar-se sobre um assunto que, indubitavelmente, teria bem mais fortes efeitos na forma como encaram o desporto da sua paixão: o dos novos desafios, o da nova concorrência.

É mais um congresso ordinário dos clubes luxemburgueses de futebol. E é também mais um que vai passar ao lado da discussão de uma das realidades mais incomodativas do seu universo: a vontade (ao que parece inquebrantável) de certos clubes, por enquanto marginais, de integrar a estrutura, por enquanto central. E vai passar ao lado porque a admissão provisória, uma vez mais, não será colocada à apreciação e votação do colectivo — no que respeita a dois candidatos nem é preciso, porque a cabala geral já obrou no sentido de inviabilizar os seus processos; mas quanto a um, o Águias Boavista Berchem, que tem um processo entregue, com todas as formalidades constituídas, nem sim nem sopas...

O colectivo futebolístico nacional evita a questão, por um lado porque ela divide e, por outro, porque ela queima. Enfrentar desafios não é coisa que se faça corajosamente em certos meios... De uma forma geral, os representantes dos clubes parecem acreditar que o facto de ignorarem uma realidade pode permitir que ela desapareça do seu espaço vital.

No entanto, não há razão alguma para a atitude acobardada de manter um candidato à porta. Sobretudo quando se sabe, com pertinência, que os donos da casa têm imensas formas de o constranger ao seu papel de simples convidado; não é pelo facto de o deixarem entrar em casa que ele dela se vai apoderar.

Mais cedo ou mais tarde, os novos clubes vão acabar por ser admitidos na Federação Luxemburguesa de Futebol — ou quando ela deixar de ser segracionista no seu conjunto, ou quando os tribunais (ou o interesse político geral) o determinarem. De que adianta, pois, protelar esse momento, tão duro para certos hipocondríacos, se o bloqueio é insustentável a médio prazo?

Nessa altura, os donos da casa do futebol podem criar pretextos para tornar difícil a vida dos novos clubes, colocar obstáculos à sua progressão na escadaria das divisões, castigar os seus cofres e os seus jogadores com mais severidade que os restantes, inventar razões não escritas ou não tradicionais para esganar eventuais pretensões de protagonismo.

A inimizade de certos actores no palco futebolístico nacional relativamente aos clubes candidatos à adesão é tão evidente e tão acidulada (estes são quase vistos como um bacilo que pretende introduzir-se num corpo são, uma espécie de criadores de violência e de instabilidade num andaime coerente e estável) que não custa a crer que, na sua mente, se desenharam já estratagemas para transformar num calvário a (futura) caminhada dos ditos clubes no seio da federação. Porquê, então, adiar o inadiável?

E que força é essa de temer novos parceiros? É já tempo de os grandes clubes mostrarem que são, de facto, grandes, que não se sentem ameaçados por três jovens clubes de origem portuguesa e que não são decerto eles que vão poder eliminar os seus privilégios. Porque, de contrário, os que persistem no bloqueio demonstram, efectivamente, que não são tão grandes nem tão fortes como isso e que se sentem seriamente ameaçados porque são, afinal de contas, fracos e vulneráveis.

Alberto Campos
Editorial do jornal Correio n.º 78
8.11.2000